



**A vida duplicada: representação e encenação do sujeito na busca da alteridade**

Doubled life: the subject's representation and staging in its quest for the otherness

Murilo de Assis Macedo Gomes<sup>1</sup>

**Resumo:** Esse artigo visa a analisar a obra *O homem duplicado* (2002) de José Saramago, com base na constituição do sujeito a partir da sua busca da alteridade. Acredita-se que, ao deparar-se com seu sócio, o professor de História Tertuliano Máximo Afonso passa a reconstituir provisoriamente sua própria identidade.

**Palavra-chave:** representação, duplo, outro, alteridade

**Abstract:** This article aims at analysing the novel *The double* (*O homem duplicado* - 2002) by José Saramago, based on the constitution of the subject from its quest for the otherness. It is believed that, when facing its double, the History teacher Tertuliano Máximo Afonso starts to provisionally reconstitute his own identity.

**Keywords:** representation, double, other, otherness

“Sábio é aquele que monotoniza a vida, pois o menor incidente adquire então a faculdade de maravilhar” (*O Livro do Desassossego*, Fernando Pessoa)

A obra de José Saramago *O homem duplicado* (2002) traz em sua temática questões filosóficas, científicas e sociais que ainda fazem parte do debate contemporâneo acerca do duplo. Se for levado em consideração o crescimento das redes sociais desde a publicação do romance, e conseqüentemente do número de perfis nelas criados dentre verdadeiros e falsos, principalmente de celebridades, pode-se afirmar que a obra do escritor português, além de estar inserida no debate da época a respeito da clonagem humana, antecipa, de certa forma, o debate relacionado à propagação das *fake News*, na internet. Entretanto, cabe ressaltar que a ideia do original e da cópia, da realidade e da representação, da essência e da aparência vem de longa data na História das civilizações ocidentais. Para isso, basta observar a filosofia de Platão

---

<sup>1</sup> Doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP).

presente no mito da caverna, tema abordado mais diretamente por Saramago na obra *A caverna* (2000).

No mito platônico, os homens estão acorrentados dentro de uma caverna e não conseguem ver mais do que as sombras que são projetadas em uma de suas paredes. Como não conseguem virar suas cabeças, não podem enxergar a realidade que está à saída da caverna em sua parte externa. Portanto, a única realidade possível são representações distorcidas que os fazem crer que estariam diante de todo o conhecimento. Desse modo, a ideia de aparência e de essência é construída no mito, exigindo do sujeito primeiramente a libertação das correntes que o prendem e que o limitam para assim poder acessar a saída da caverna da ignorância e iniciar o percurso em direção ao conhecimento do mundo a partir de outrem.

O mito da caverna de Platão poderia dialogar com a maior parte da obra de Saramago, já que seus romances são marcados por personagens que buscam a mudança de uma determinada condição. Suas personagens não se conformam facilmente a condições inusitadas, sempre constroem a possibilidade de um novo mundo. Isso ocorre com grande parte delas, que ora se veem em meio a um impasse, tendo que decidir o próximo passo a ser dado, que pode mudar o destino de todos. O Sr. José de *Todos os nomes* (1997), o Raimundo Silva de *História do cerco de Lisboa* (1989), o Ricardo Reis de *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984) são alguns exemplos do comportamento da personagem que, em dado momento de sua vida, decide tomar um caminho diferente, em uma nova direção.

O caso de Tertuliano Máximo Afonso, em *O homem duplicado* (2002), se assemelha às personagens anteriores. Essa comparação é feita já nas primeiras páginas da obra:

O que por aí mais se vê, a ponto de já não causar surpresa, é pessoas a sofrerem com paciência o miudinho escrutínio da solidão, como foram no passado recente exemplos públicos, ainda que não especialmente notórios, e até, em dois casos, de afortunado desenlace, aquele pintor de retratos de quem nunca chegámos a conhecer mais que a inicial do nome, aquele médico de clínica geral que voltou do exílio para morrer nos braços da pátria amada, aquele revisor de imprensa que expulsou uma verdade para plantar no seu lugar uma mentira, aquele funcionário

subalterno do registo civil que fazia desaparecer certidões de óbito, todos eles, por casualidade ou coincidência, formando parte do sexo masculino, mas nenhum que tivesse a desgraça de chamar-se Tertuliano (SARAMAGO, 2002, p. 10)

O narrador compara, a partir da metaficção, a condição solitária de Tertuliano a outras personagens saramaguianas. São homens que, em algum momento da vida, tem de tomar decisões. Parecem sujeitos labirintados e perdidos no mundo à procura de si mesmo. Entretanto, essa busca só é possível se se der em direção ao mundo exterior e ao desconhecido. Nesse sentido, é preciso sair da caverna, deixar as ilusões e buscar respostas (ainda que provisórias) no mundo exterior. Pode ser que a viagem empreendida pelo sujeito cause algum desconforto, mas a indagação é inerente à condição do viajante em busca do autoconhecimento: “E agora, enquanto veste o pijama, pensa que esta viagem foi um erro grave de palmatória, que melhor haveria sido não sair da sua casa, ficar fechadinho na sua concha protectora, à espera”. (SARAMAGO: 2002, p. 229).

A viagem empreendida por Tertuliano Máximo Afonso, professor de História de uma escola secundária, inicia-se a partir de uma situação inusitada, outra característica marcante da obra saramaguiana. Tertuliano recebe a indicação de um colega, professor de Matemática, de um filme chamado, *Quem porfia mata a caça*. O colega de trabalho sente que Tertuliano está meio deprimido e sugere que ele assista a um filme leve de comédia para espairer um pouco. O professor de História, divorciado e em um relacionamento instável com Maria da Paz, aceita a sugestão do colega de escola. Aluga a fita de vídeo cassete para assistir ao filme em casa. Tertuliano assiste ao filme despreziosamente até que percebe em uma rápida sequência de imagens a presença de um recepcionista de hotel cuja aparência é idêntica a sua. A partir disso, sua vida ganha um novo sentido. O professor passa a querer saber quem é esse ator secundário idêntico a si que aparece no filme. Então, resolve empreender uma busca minuciosa de outros filmes representados pelo mesmo ator, e em última instância resolve conhecer essa pessoa. Essa é a trama que sustenta o enredo de *O homem duplicado*.

Trata-se de um enredo aparentemente simples, mas que leva à reflexão da condição do homem contemporâneo, especialmente no que diz respeito à construção da identidade provisória e instável do sujeito em uma sociedade performática e imagética, vide o *boom* das redes sociais entre a primeira e segunda décadas do

milênio. É importante ressaltar que Tertuliano Máximo Afonso enfrenta uma relação conflituosa com sua identidade primeiramente de modo imagético. A presença do outro que lhe causa estranhamento se dá a partir de uma experiência televisiva, ou seja, a distância. O outro se configura para o professor como uma imagem de vídeo. Esse pormenor é importante para se entender a relevância do significado da imagem na constituição do sujeito. Tertuliano se depara com o outro que não é propriamente uma pessoa, mas uma imagem de personagem de filme. Nesse sentido, o outro é tão-somente uma ficção, que existe no plano imaginativo do professor de História, que também é personagem fictício do romance. Pode-se dizer que essa é a primeira relação duplicada estabelecida pela obra de Saramago. A personagem do romance se depara com a personagem do filme, duas imagens fictícias que se confrontam, que se comparam e que se constroem mutuamente, *a priori*, a distância. O fato de Tertuliano ter de manipular um meio tecnológico para construir a imagem do outro é de suma importância para se compreender este romance de Saramago. Ao fazer uso das fitas de vídeo o professor pode rebobinar, pausar e assistir às imagens em busca de detalhes que vão dando corpo ao outro e, ao mesmo tempo, vão lhe indicando múltiplas possibilidades que o outro lhe apresenta, na medida em que vai assistindo aos outros filmes do ator Daniel Santa Clara. Nesse sentido, o ator, ao representar papéis diversos, encena para Tertuliano as múltiplas possibilidades que sua vida poderia tomar, uma vez que esse espectador vislumbra a si mesmo, ainda que como imagem, em cena. Como diz o senso comum, personagem que dialoga com Tertuliano: “Tertuliano, repara no que tens andado a perder não sendo actor” (SARAMAGO, 2002, p. 89).

Desse modo, ser ator se apresentaria como a possibilidade de viver múltiplas vidas em uma só vida. Ao mesmo tempo, as indagações acerca da alteridade vão dando novo sentido à vida de Tertuliano, que passa a se confrontar com essas múltiplas possibilidades de existência (embora ficcional) apresentadas pelo outro:

E depois, perguntou o professor de História, como uma criança que não sabe que não adianta perguntar pelo que ainda não sucedeu, que farei depois disto, que farei depois de saber que esse homem entrou em quinze ou vinte filmes, que, tanto quanto pude verificar até agora, além de recepcionista, foi caixa de banco e auxiliar de enfermagem, que farei. Tinha a resposta na ponta da língua, mas só a deu um minuto mais tarde, Conhecê-lo. (SARAMAGO, 2002, p. 75)

O professor de História problematiza sua identidade a partir de imagens ficcionais reproduzidas em aparelhos eletrônicos de vídeo cassete e televisão. Nesse sentido, cabe aqui chamar a atenção para a reflexão posta pelo romance de Saramago acerca da sedução e do poder da imagem na contemporaneidade. Tertuliano seria seduzido paulatinamente pelas imagens assistidas das personagens representadas pelo ator que tem sua aparência. As imagens o levam a agir, a modificar e atuar sobre a realidade, já que ele decide conhecer o ator Daniel Santa Clara. Desse modo, o sujeito se identifica com as imagens apreendidas, que ainda estão na concepção platônica, no plano das ideias, mas que logo se concretizarão como a realidade possível de Tertuliano. Assim, o professor vai deixando a caverna e adentrando um mundo novo, que lhe seria ainda desconhecido, bem como sua própria identidade.

A identidade de Tertuliano vai se constituindo provisoriamente, à medida em que ocorre sua busca por Daniel Santa-Clara, que é o pseudônimo ou nome artístico de António Claro.

É interessante notar a simbologia dos nomes dentro do romance e as possíveis referencialidades fora da obra e o modo isso contribui para o sentido do texto de Saramago. Tertuliano poderia remeter a uma figura histórica que teria vivido entre os séculos II e III, que é tido como um dos primeiros autores da primeira fase do Cristianismo e que teria escrito sua obra literária em latim. As informações sobre a vida e a obra de Tertuliano são repletas de controvérsia.

De acordo com Garcia e Selvatici (2020, p.196), “A despeito da grande influência de Tertuliano para o desenvolvimento do cristianismo latino no Ocidente do Império Romano, poucas referências a ele sobreviveram ao tempo e chegaram até nós.” Desse modo, Tertuliano parece ser alguém que transitaria entre o factual e o fictício, uma vez que aquilo que falta à História acaba sendo preenchido pela ficção. Levando-se em consideração o diálogo de Saramago com a História, não seria forçoso dizer que o nome do professor de História seria uma referência à Tertuliano de Cartago, que vivera entre os séculos II e III.

Essa premissa se confirma se se considerar a etimologia dos nomes das personagens em *O homem duplicado* (2002). Por exemplo, o nome do cão de Carolina Máximo, mãe de Tertuliano, chama-se Tomarctus: “Tomarctus, o cão da casa, havia entrado. Vinha saber se este dono, que só de tempos a tempos aparece por aqui, ainda estava.” (SARAMAGO, 2002, p. 230). Mais à frente o narrador explica a escolha do nome

do cão feita por Tertuliano: “foi-lhe pôr o nome de um canídeo que se diz ter vivido há quinze milhões de anos e que segundo andam certificando os paleontólogos, é o fóssil Adão destes animais de quatro patas (...)” (SARAMAGO, 202, p. 230).

Saramago, assim como Tertuliano, professor de História, parece ter ido às origens para nomear suas personagens. Seguindo essa linha de raciocínio, o segundo nome Máximo de Tertuliano poderia ser uma referência à Máximo, o Confessor (580-662) que, assim como Tertuliano, viveu em Cartago, e adotou a controvérsia que defendia que a vida de Cristo era tão humana quanto divina. Máximo, o Confessor, ficou conhecido por ter escrito a biografia mais antiga sobre Maria, *Vida da Virgem*. O papa Bento XVI, em uma audiência geral em 2008, fala da seguinte maneira sobre Máximo, o Confessor:

Máximo não aceitava qualquer diminuição da humanidade de Cristo. (...) E São Máximo demonstra que o homem encontra a sua unidade, a integração de si próprio, a sua totalidade não em si mesmo, mas superando-se a si próprio saindo de si mesmo. Assim, vê-se que o homem completo não é aquele que se fecha em si mesmo, mas o homem que se abre, que sai de si próprio, que se torna completo e se encontra a si mesmo e à sua verdadeira humanidade precisamente no Filho de Deus.

É importante perceber as características atribuídas a Máximo e que assemelhariam àquelas do professor de História e até mesmo de José Saramago. Trata-se de uma visão humanista cuja integração do sujeito dependeria de sua relação com o outro. Nessa perspectiva, Tertuliano sai de si mesmo a fim de se superar e criar uma unidade ainda que provisória com o outro.

Os nomes das personagens do romance corroboram a ideia da busca das origens empreendida por Tertuliano, a respeito do conhecimento de si a partir de outrem. Contudo, os nomes estariam relacionados também a fatos e figuras históricas que deram início a algo, que foram precursores de uma religião, de uma espécie animal, de uma biografia. O último nome de Tertuliano é Afonso que, seguindo essa lógica, poderia ser o nome do primeiro monarca de Portugal, Dom Afonso Henriques (1109-1185).

O nome Daniel Santa-Clara chama também a atenção pelo fato de remeter a Daniel, do Antigo Testamento, cujo poder de visão do futuro através dos sonhos lhe foi concedido por Deus. Santa Clara seria uma referência à santa de Assis na Itália, que

viveu na mesma época e no mesmo lugar que São Francisco de Assis. Clara era uma moça rica que abdicou dos bens pela fé em Cristo. Era devota de São Francisco, e era conhecida como patrona da televisão, por ter conseguido assistir através da parede de seu quarto a missa de sepultamento de São Francisco de Assis. Desse modo, a aparição inusitada do ator em um filme a partir de uma fita de vídeo cassete a Tertuliano se dá como uma profecia reveladora de questões éticas, filosóficas e identitárias próprias do sujeito contemporâneo, que permeiam o percurso da personagem no romance. Ao ver sua imagem duplicada projetada na televisão em cenas de filme, o professor de História passa a questionar sua existência e sua condição de sujeito que, até então, se achava detentor de sua singularidade. A individualidade de Tertuliano é posta em xeque diante do espelhamento de outro sujeito idêntico a si mesmo. Nesse sentido, ele parte em um processo de individuação em busca da constituição de uma nova identidade, ainda que provisória. Trata-se de uma busca por si mesmo através do outro em direção ao desconhecido.

Nessa busca, Tertuliano vai assumindo novas identidades. A princípio, sua busca se dá pelo animus, ou seja, pela essência masculina que está dentro de si mesmo. Para tanto, o professor de história passa a encenar outros papéis, assim como Daniel Santa Clara. Tertuliano se passa por Maria da Paz ao assinar uma carta falsa enviada à produtora de vídeo para obter o endereço do ator. Em outros momentos, ele faz uso de adereços, tais como bigode e barba postiça afim de ocultar sua verdadeira identidade. Tertuliano vai se constituindo a partir da alteridade. Assume responsabilidades, tais como o relatório solicitado pelo diretor da escola a ser enviado ao Ministério da Educação e o pedido de casamento a Maria da Paz. Nessa condição provisória e instável do sujeito, Tertuliano assume os papéis de professor, divorciado, mulher, noivo, ator, amante e marido em situações diversas. Sua identidade vai se reconstituindo a cada investida em direção ao outro. A busca de Tertuliano o faz descobrir a cada momento novas possibilidades de encenação e atuação do sujeito. Em dado momento, pode-se pensar, por exemplo, que o professor poderia estar apaixonado por sua própria imagem refletida na tela, uma espécie de Narciso moderno, que contempla cegamente sua própria imagem. A certa altura da narrativa, parece que o professor vai abandonar Maria da Paz para assumir uma nova identidade de gênero, dado o seu encantamento por sua figura dupla na atuação de Daniel Santa Clara. Na verdade, trata-se de uma relação conflituosa de amor e ódio com sua própria imagem.

O romance *O homem duplicado* (2002) de José Saramago aborda questões relacionadas à autoaceitação e ao autoconhecimento em uma perspectiva de enfrentamento da personagem com as múltiplas possibilidades que a vida lhe apresenta a partir da possibilidade do duplo na constituição da diferença. Daí a necessidade de Tertuliano ser uma personagem conservadora que, em dado momento da vida, se defronta com a instabilidade representada por Daniel Santa Clara. Nesse sentido, assim como o Sr. José de *Todos os nomes* (1997), o professor de História vive uma vida normal até o momento em que algo inusitado desestabiliza o seu cotidiano, e a partir disso ele empreende uma busca em direção ao outro na tentativa de resolução de uma situação conflitante. A narrativa revela a crise de identidade de um homem de meia idade que passa a ter de se reconstituir permanentemente a partir da busca da alteridade. É uma busca que vai da aparência para a essência, das sombras da caverna para a realidade do mundo exterior. E isso se ratifica se se considerar o percurso de Tertuliano, que parte de um mundo de aparências, de representação e de encenação apreendido através das imagens televisivas dos filmes feitos por Daniel Santa Clara para o mundo real em outras representações e encenações, que também são possíveis. Nesse sentido, os limites entre a arte e a vida se misturam, uma vez que o professor de História passa a representar papéis na realidade, como se estivesse em um dos filmes encenados por seu duplo.

Outra perspectiva de leitura da obra pode ser feita a partir da escrita da história pessoal e coletiva dos indivíduos. As escolhas feitas pelo sujeito são formativas de um percurso narrativo, que tanto pode ser real como ficcional, individual e coletivo. Nesse sentido, Saramago proporia a reflexão sobre os limites e contradições da escrita da História e das histórias pelos indivíduos, já que

A História que Tertuliano Máximo Afonso tem a missão de ensinar é como um bonsai a que de vez em quando se aparam as raízes para que não cresça, uma miniatura infantil da gigantesca árvore dos lugares e do tempo, e de quanto neles vai sucedendo, olhamos, vemos a desigualdade de tamanho e por aí nos deixamos ficar, passamos por alto outras diferenças não menos notáveis, por exemplo, nenhuma ave, nenhum pássaro, nem sequer o diminuto beija-flor, conseguiria fazer ninho nos ramos de um bonsai, e se é verdade que à pequena sombra deste, supondo-o provido de

suficiente frondosidade, pode ir acoitar-se uma lagartixa, o mais certo é que ao réptil lhe fique a ponta do rabo de fora. A História que Tertuliano Máximo Afonso ensina, ele mesmo o reconhece e não se importará de confessar se lho perguntarem, tem uma enorme quantidade de rabos de fora, alguns ainda remexendo, outros já reduzidos a uma pele encarquilhada com uma carreirinha de vértebras soltas dentro (SARAMAGO, 2002, p.15-16)

Nas palavras do narrador, a História, assim como toda e qualquer atividade humana, tem suas limitações, estando sempre aberta para um processo de releitura e de reinterpretação constantes. Nesse sentido, nenhuma identidade estaria totalmente consolidada, mas sim passível de constantes modificações ao longo do tempo, seja essa identidade coletiva seja ela individual. O processo de constituição da identidade de um povo ou de um indivíduo seria provisório, passível de resignificação dos sujeitos. O percurso de Tertuliano no romance ilustraria esse processo de reescrita e resignificação constante da história do indivíduo. A História e as histórias se construiriam a partir da interação com o outro nos mais variados contextos. O sujeito poderia ser afetado tanto por imagens reproduzidas em uma tela a distância, como ocorrera, a princípio, com Tertuliano e Santa Clara, como também a partir da interação real, face a face, entre Tertuliano e os demais personagens do romance: Maria da Paz, o professor de matemática, o diretor da escola, Carolina Máximo, Daniel Santa Clara, António Claro, Helena, entre outros.

É a partir da interação com o outro que nasce em Tertuliano a necessidade da diferenciação em meio à homogeneização social: “A Tertuliano Máximo Afonso desassossega-o agora a possibilidade de ser ele o mais novo dos dois, que o original seja o outro e ele não passe uma simples e antecipadamente desvalorizada repetição.” (SARAMAGO, 2002, p.174). Quando o professor de História vislumbra a possibilidade da existência de outra pessoa igual a si, ele é instigado à busca da diferença, que o tornaria singular. Desse modo, não é possível se pensar em um sujeito acabado e perfeito: o sujeito estaria em processo. Do mesmo modo, não é possível encontrar na razão e na História as respostas para todos os questionamentos do homem contemporâneo. De acordo com Maffesoli (1998):

O mito fundador do burguesismo é bem o da razão, com todas as suas consequências: fé no progresso, tensão frente ao futuro, exacerbação da ciência. Mas cada um desses elementos é, por um lado, da ordem da projeção, e, por outro, baseia-se no corte entre um antes, imperfeito, ainda não verdadeiramente acabado, e um depois suposto ser a consumação, a perfeição realizada. (p.35)

Na perspectiva de Maffesoli, a fé no progresso, na ciência e na razão não foi capaz de responder a todos os anseios do homem contemporâneo. Vale chamar a atenção para o jogo de luz e sombras proposto pela obra de Saramago. Isso ocorre em *Ensaio sobre a cegueira*, n' *A Caverna*, também em *O homem duplicado*. O sujeito contemporâneo não poderia se deixar cegar pelo excesso das luzes e não poderia viver na escuridão da ignorância, encerrado em uma caverna. A personagem teria que explorar o mundo externo para que conhecesse mais a sua interioridade. Nessa perspectiva, seria necessário buscar o equilíbrio em meio aos antagonismos impostos pela sociedade. Tertuliano era um homem deprimido, cujo cotidiano carecia de novidades ou de um sentido para vida. Esse sentido vai se construindo na medida em que ele vai conhecendo o outro, porque passa a conhecer melhor a si mesmo. Nessa jornada lhe afloram desejos e fantasias desconhecidos, e isso também ocorre a todos que estão à sua volta.

Helena, esposa do ator António Claro, é um exemplo da mudança de comportamento de uma mulher frente à possibilidade de encontrar um homem idêntico a seu marido. Ela passa a manifestar seu desejo pela possibilidade de encontrar outro homem igual ao seu:

Entreabriu a porta do quarto, o marido ainda parecia dormir, mas o seu sono já não era mais que o último e difuso limiar da vigília, podia, portanto, aproximar-se da cama, dar-lhe um beijo na testa e dizer, Cá vou, e depois receber na boca o beijo dele e os lábios do outro, meu Deus, esta mulher deve estar louca, as coisas que faz, as coisas que lhe passam pela cabeça. (SARAMAGO, 2002, 186)

As fantasias de Helena desestabilizaram sua relação conjugal com António Claro (Daniel Santa Clara), já que Tertuliano aparece como uma espécie de amante que abre novas possibilidades de relacionamento na imaginação da esposa do ator, como se

corroborar adiante na narrativa quando o ator refletia sobre o que faria a respeito de um possível encontro com o professor de História:

Mais duvidava, porém, da eficácia da sua capacidade dialéctica para cortar pela raiz, e sem protelações, a esse Tertuliano Máximo Afonso de má morte, qualquer veleidade, presente ou futura, de lançar na vida das duas pessoas que moram nesta casa factores de perturbação psicológica e conjugal tão perversos como aqueles de que implicitamente já tinha feito gala e aqueles a que explicitamente já havia dado origem, como foi, por exemplo, ter tido Helena, ontem à noite, o atrevimento de declarar, Terei a impressão de estar a vê-lo a ele de cada vez que te olhar a ti. Com efeito, só uma mulher que tivesse sido seriamente tocada nos seus fundamentos morais poderia ter atirado semelhantes palavras à cara do seu próprio marido sem reparar no elemento adúltero que nelas se encontrava presente, diáfano, é certo, mas revelador quanto baste. (SARAMAGO, 2002, 187-188)

Percebe-se que o adultério aparece como uma possibilidade que Helena declara a António Claro. Diferentemente de Maria da Paz, que não soubera da existência do duplo de Tertuliano, Helena já havia estabelecido contato com o professor de História por telefone, confundindo-o com seu marido, dada a semelhança das vozes dos dois homens. Para Helena, a presença de Tertuliano é perturbadora, pois ele aparece primeiramente para ela como uma voz e vai ganhando presença em sua imaginação na medida em que se aproxima de seu marido.

Helena aparece como uma personagem ambígua, semelhante àquela que precipitara a Guerra de Troia. Desejada e amada por mais de um pretendente, Helena parece volúvel, adaptando-se facilmente ao seu destino. Maria da Paz se apresenta como uma personagem ética conduzida por valores morais elevados que não se rende facilmente às ilusões das aparências. Tudo isso se evidencia ao final da obra, quando Helena aceita Tertuliano como se ele fosse António Claro e Maria da Paz rejeita o ator, ainda que esteja diante da morte iminente.

A menção à Guerra de Troia como tragédia inevitável diante do encontro dos homens duplicados foi dada na narrativa por Carolina Máximo, mãe de Tertuliano, a

partir de uma clarividência, associada à Cassandra pelo próprio professor de História: “como se, em lugar da idosa senhora que se chamava Carolina Máximo e era sua mãe, lhe tivesse saído do outro lado do fio uma sibila ou uma Cassandra a dizer-lhe, por outras palavras, Ainda estás a tempo de parar.” (SARAMAGO, 2002, p.137).

A intertextualidade com a passagem da Guerra de Troia se evidencia no romance a partir da escolha do nome ou de semelhanças das personagens com o mito. Cassandra e Helena são ressignificadas na narrativa saramaguiana. A tragédia de Tertuliano, em alguma medida, é muito próxima da tragédia dos troianos, já que o professor de História acaba sendo vencido por seu duplo António Claro (Daniel Santa Clara), pois, com sua morte, tem de assumir provisoriamente sua identidade:

E como me vais levar tu, se já não tens carro, Estou com o que era dele. A mãe abanou a cabeça tristemente e disse, O carro dele, a mulher dele, só falta que passes a ter também a sua vida, Terei de descobrir outra melhor para mim, e agora, por favor, vamos comer qualquer coisa, tréguas à desgraça. (SARAMAGO, 2002, p. 306)

Nesse instante, Tertuliano sabe que não poderá ser mais professor de História, assim como também não poderá ser o ator António Claro. Ele terá de encontrar outro caminho diante dos caminhos que se bifurcam à sua frente. Como se estivesse em um labirinto, o professor de História vai ressignificando a sua história na medida em que avança em direção ao outro ainda desconhecido, já que

o novelo do espírito humano tem muitas e variadas pontas, e que a função de algumas das suas linhas, parecendo que conduzem o interlocutor ao conhecimento do que está dentro, é espalhar orientações falsas, insinuar desvios que irão terminar em becos sem saída, distrair da matéria fundamental, ou, como no caso que nos ocupa, suavizar, antecipando-o, o choque que se aproxima. (SARAMAGO, 2002, p. 96-97)

De modo geral, os romances de José Saramago teriam como imagem arquetípica o labirinto, no qual os sujeitos se veem perdidos diante de algo inusitado que lhes ocorre em dado momento da vida. Nesse instante, o sujeito seria levado a buscar uma solução

ainda que provisória para determinada problemática que lhes surge. Esse novelo de variadas pontas pode ser a História e a trajetória do homem em busca do conhecimento através do outro. Nesse sentido, torna-se necessário pensar o outro para além de sua condição humana. Os objetos, as imagens da televisão, os sites, os fatos, as *fake News*, as redes sociais, isso tudo seria o outro. Nessa perspectiva, não haveria lógica de separação entre sujeito e objeto, entre homem e natureza, entre o eu e o outro. A única lógica possível seria da interação e da interrelação entre os seres. De acordo com Latour (2013: 89):

Estamos cansados dos jogos de linguagem e do eterno ceticismo da desconstrução dos sentidos. O discurso não é um mundo em si, mas uma população de actantes que se misturam tanto às coisas quanto às sociedades, que sustentam ambas, e que as mantêm. O interesse pelos textos não nos afasta da realidade, já que as coisas também têm direito à dignidade de serem textos. Quanto aos textos, por que negar-lhes a grandeza de serem o laço social que nos mantém juntos?

Para o filósofo, sujeitos, discursos e objetos formam o laço social que une os homens. A palavra, o discurso e a linguagem não existiriam sem a interação entre os homens e todos os outros seres e coisas. O sentido do discurso se daria a partir dessa interação e da troca entre os seres. Tertuliano, nessa perspectiva, se constituiria a partir das imagens assistidas na TV, dos livros de História lidos, das conversas com os colegas de escola, da relação com Maria da Paz, do encontro e dos disfarces feitos com Daniel Santa Clara, com António Claro, com Helena, com sua mãe, por fim, com o outro.

A história da busca de Tertuliano só faz sentido se for considerado que ela se constrói em uma relação com a alteridade. Quando Tertuliano resolve sair de casa em busca de conhecer a verdadeira identidade do ator Daniel Santa Clara, sua vida começa a mudar. Com isso, ele abre múltiplas possibilidades em direção ao desconhecido e ao inusitado. O professor de História vai estabelecendo ligações, formando laços sociais a partir dos mais variados actantes que formam sujeitos, textos e discursos tais como: conversas, vídeos, cartas, adereços, disfarces, fantasias, histórias, pessoas, ficções, realidades, vidas, representações etc.

O percurso de Tertuliano se dá em direção à luminosidade, representação simbólica no romance da busca da razão e do conhecimento. A tela da TV é o lugar onde o professor de História vê o sócia. A partir desse ponto de luz, que é a televisão, ele toma conhecimento de sua identidade problematizada. Outros símbolos associados à ideia da busca das luzes do conhecimento por Tertuliano seriam os nomes artístico e real do seu duplo: Daniel Santa Clara e António Claro. Esses nomes remeteriam à ideia de claridade e brancura, como a cegueira de *Ensaio sobre a cegueira* (1995). Nessa perspectiva, Tertuliano vai em direção à luz que emana do outro e que seria a única a trazer as respostas para suas inquietações. Contudo, suas respostas não são definitivas, mas provisórias, por isso que sua busca é incessante e não termina nem com o fim da narrativa. O embate no percurso de Tertuliano ocorre em uma sociedade que valoriza a reprodução em série de produtos, bens, serviços e padrões de comportamento, em que haveria pouco espaço para a distinção dos aspectos singulares dos indivíduos. Nessa sociedade, a reprodução em massa desvalorizaria os produtos artesanais e manufaturados, como ocorre com a família de oleiros de Cipriano Algor n' *A caverna* (2000): com a chegada do shopping center, a caverna das ilusões do consumo contemporâneo, a família se vê diante do impasse de ter de abandonar o trabalho transferido geração a geração cuja originalidade das peças poderia ser encontrada em sua singularidade. O mesmo se dá com Tertuliano quando resolve se disfarçar fazendo uso de barba para passar despercebido em um possível encontro com o sócia. A necessidade da individuação se torna evidente:

Quando pela primeira vez olhou a sua nova fisionomia sentiu um fortíssimo impacte interior, aquela íntima e insistente palpitação nervosa do plexo solar que tão bem conhece, porém, o choque não tinha sido o resultado, simplesmente, de se ver distinto do que era antes, mas sim, e isso é muito mais interessante se tivermos em conta a peculiar situação em que tem vivido nos últimos tempos, uma consciência também distinta de si mesmo, como se, finalmente, tivesse acabado de encontrar-se com a sua própria e autêntica identidade. Era como se, por aparecer diferente, se tivesse tomado mais ele mesmo. (SARAMAGO, 2002, p.164)

Ou ainda: “Quando saiu levava consigo meia dúzia de retratos de formato médio, que já tinha decidido destruir para não ter de ver-se multiplicado” (SARAMAGO, 2002, p. 165). Nota-se que Tertuliano deseja restabelecer sua identidade ainda que provisória. Para tanto, ele procura se distinguir do sócio Daniel Santa Clara. O uso da barba postiça, que a princípio era um disfarce, marcaria a singularidade de Tertuliano em relação à cópia. Afinal, ele não queria “ter de ver-se multiplicado” por aí. Em certa medida, as encenações e os papéis de Daniel Santa Clara como ator o tornariam mais livre para experimentação de diversas identidades, diferentemente da profissão monótona de professor de História de Tertuliano. Daí, com o decorrer da narrativa, o professor vai se transformando em Daniel Santa Clara, e depois em António Claro, assumindo o papel de sua vida e vice-versa.

A busca de Tertuliano em meio à multiplicidade de caminhos, pessoas e identidades o leva em direção à constituição provisória de sua individualidade. Para tanto, torna-se necessário que o professor de História abandone provisoriamente o postulado da razão simbolicamente representado no romance pelos filmes, livros e cartas, e se defronte com o senso comum, a vida e as pessoas. Nesse sentido, a personagem vai da teoria à prática, da representação à realidade, da ficção à vida, e vice-versa, já que esse percurso seria transitório e infinito, representando assim a condição do sujeito contemporâneo na busca do conhecimento através do processo de mediação do outro. Nessa perspectiva, todo conhecimento é válido, tanto o produzido a partir do uso da razão quanto o conhecimento empírico, tanto o conhecimento individual quanto o conhecimento coletivo. Para Maffesoli (1998: 175):

enquanto o racionalismo postula e procede, como indiquei, do individualismo, quadro de um puro solipsismo, a vivência não é pensável senão em relação ao outro. Em suma, enquanto a razão pode, teoricamente, ser concebida no quadro de um puro solipsismo, a vivência não é assunto individual.

Tertuliano parte constantemente da razão para a vivência, do pensamento para a ação, do eu para o outro, e vice-versa, criando laços sociais com os seres e objetos que estão à sua volta, reconstituindo-se permanentemente a cada passo, a cada interação e a cada encontro. O professor de História vai criando um percurso de desterritorialização, como se fosse um nômade, vai caminhando, sem saber para onde

vai. Nessa perspectiva, seria interessante notar que o narrador faz menção à leitura de uma obra sobre a História das Civilizações Mesopotâmicas e os amorreus, antigo povo semita, que é mencionado por Saramago dez vezes ao longo da narrativa, assim como o código do rei amorreu mais famoso, Hamurabi. Os amorreus foram um povo semita e nômade, que viveu na Mesopotâmia.

Há dois aspectos para ser destacados. O primeiro está associado ao código de Hamurabi fundado nas leis do talião: olho por olho, dente por dente, sangue por sangue, carne por carne. Isso, em certa medida, vai preparando o terreno para o desenlace trágico do romance e o acirramento da rivalidade entre Tertuliano e António Claro, que culmina nas atitudes vingativas das duas personagens, vingança que parte do ator quando decide se deitar com Maria da Paz, passando-se pelo professor. Esse comportamento gera uma resposta à altura de Tertuliano, que também decide passar por António Claro ao dormir e manter relações íntimas com Helena, esposa do ator. Desse modo, a relação dos homens duplicados se basearia nas leis do talião: olho por olho, dente por dente, sangue por sangue e carne por carne. O segundo aspecto a ser considerado é que Tertuliano vai se identificando com os amorreus em sua condição de nômade. Isso se confirma nas passagens do romance:

Já sabemos que para um neandertal não lhe serviria de nada a cabeça se se visse numa situação destas, mas para um professor de História, habituado a lidar com figuras dos mais desvairados lugares e épocas, considere-se que ainda ontem esteve a ler no erudito livro sobre as antigas civilizações mesopotâmicas o capítulo que trata dos semitas amorreus (SARAMAGO, 2002, p. 56)

Nessa altura da narrativa, Tertuliano estava assistindo ao filme “Código Maldito” com o ator Daniel Santa Clara em busca de mais informações sobre o sócia e, ao mesmo tempo, lia sobre os amorreus semitas no livro erudito de História. Aos poucos o professor vai se identificando com os amorreus: “Viu o filme todo, pôs a cruzinha num outro nome que se repetia, e foi-se deitar. Ainda leu duas páginas do capítulo sobre os semitas amorreus, depois apagou a luz. (SARAMAGO, 2002, p. 84-85) Ou ainda:

Na aula que foi dar depois do almoço, totalmente fora de tom e de propósito, uma vez que a matéria não fazia parte do programa,

passou o tempo todo a disreterar sobre os semitas amorreus, sobre o Código de Hamurabi, sobre a legislação babilónica

E:

Acordou tarde. A noite fora de sobressaltos, atravessada por sonhos fugazes e inquietantes, uma reunião do conselho escolar a que faltavam todos os professores, um corredor sem saída, uma cassete de vídeo que se recusava a entrar no aparelho, uma sala de cinema com o ecrã negro e em que um filme negro passava, uma lista telefónica inteira com o mesmo nome repetido em todas as linhas, mas que ele não conseguia ler, uma encomenda postal com um peixe dentro, um homem que levava uma pedra às costas e dizia Sou *amorreu*, uma equação algébrica com rostos de pessoas no lugar onde deveriam estar as letras. (SARAMAGO, 2002, p. 129, grifo nosso)

Nessa perspectiva, Tertuliano seria um nômade à procura de algo que não sabe aonde vai levá-lo. Sua busca seria um tanto errante. Como na imagem do sonho acima, a personagem parece estar perdida em busca de uma direção. O corredor é sem saída, a fita de vídeo se recusa a entrar no aparelho, uma sala de cinema com a tela escura, um peixe dentro de um envelope: tudo vai ganhando uma dimensão surreal. Contudo, Tertuliano necessita reescrever sua História e, para isso, tem de caminhar como um nômade amorreu:

podia sentar-se a ler umas quantas páginas mais da História das Civilizações Mesopotâmicas, podia, podia, nesse momento acendeu-se lhe uma luz num escaninho da memória, a lembrança de um dos sonhos desta noite, aquele em que um homem ia transportando uma pedra às costas e dizendo Sou amorreu, teria graça que a tal pedra fosse o famoso código de Hamurabi e não um calhau qualquer levantado do chão, o lógico, realmente, é que os sonhos históricos os devam sonhar os historiadores, que para isso estudaram. Que a História das Civilizações Mesopotâmicas o levasse à legislação do rei Hamurabi não tem nada que surpreender-nos, foi um trânsito tão natural como abrir a porta

para o quarto ao lado, mas *que a pedra às costas do amorreu lhe tivesse feito recordar que não telefonava à mãe há quase uma semana* (SARAMAGO, 2002, p. 134, grifo nosso)

No trecho destacado, notar-se-ia a identificação de Tertuliano com o amorreu do sonho que carregava uma pedra nas costas, representação do código de Hamurabi, que pesaria sobre seus ombros e tornaria a vida mais difícil, já que se trataria do *Código Maldito*, nome do filme estrelado por Daniel Santa Clara. Em certa medida, Tertuliano se sentia como o amorreu caminhando com o peso sobre as costas de ter de lhe dar com uma situação inusitada ao se deparar com alguém idêntico a si. As obrigações do cotidiano, como dar um simples telefonema para mãe, vão ficando mais difíceis de serem cumpridas. Tertuliano, assim como um nômade, vai estabelecendo percursos, caminhos e rotas. Essa seria a única História possível de ser reescrita constantemente.

Para Deleuze (1997: 71),

É verdade que os nômades não têm história, só tem uma geografia. E a derrota nos nômades foi tal, tão completa, que a história identifica-se com o triunfo dos Estados. Assistiu-se, então, a uma crítica generalizada que negava aos nômades toda inovação, tecnológica ou metalúrgica, política, metafísica. (...) os historiadores consideram os nômades como uma pobre humanidade que nada compreende, nem as técnicas às quais permaneceria indiferente, nem a agricultura, nem as cidades e os Estados que ela destrói ou conquista. Dificilmente se entende, contudo, como os nômades teriam triunfado na guerra se não tivessem tido uma forte metalurgia: a ideia de que o nômade recebe suas armas técnicas, e seus conselhos políticos, de trãnsfugas de um Estado imperial, é, apesar de tudo, inverossímil. Dificilmente se entende como os nômades teriam tentado destruir as cidades e os Estados, não fosse em nome de uma organização nômade e de uma máquina de guerra que não se define pela ignorância, mas suas características positivas, seu espaço específico, sua composição própria que rompia com as linhagens e

conjurava a forma-Estado. A história não parou de negar os nômades.

Diante disso, pode-se dizer que a leitura feita por Tertuliano sobre os amorreus converge para o seu percurso de busca no romance, no qual vai juntando pistas e, ao mesmo tempo, espalhando rastros em sua caminhada.

Enfim, sua história é também aquela História que ensina na escola, repleta de rabos de fora, inconclusa e discutível. É, antes de tudo, um nomadismo, uma abertura para o outro e para todas as suas possibilidades.

## Referências

- DELEUZE, Gilles, GUATARRI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 5. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1997b.
- GARCIA, William F; SELVATICI, Mônica. “Construindo as bases de uma identidade cristã: o discurso de Tertuliano de Cartago sobre Marcião, em *Adversus Marcionem*” In: **Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 15, p. 195-212, 2020.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Trad. Carlos Irineu da Costa. 3 ed. São Paulo: Editora 34.
- MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Trad. Albert C. M. Stukenbruck. Petrópolis: Vozes, 1998.
- SARAMAGO, José. **A caverna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_. **História do cerco de Lisboa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- \_\_\_\_\_. **O ano da morte de Ricardo Reis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- \_\_\_\_\_. **O homem duplicado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Todos os nomes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

## SITES

- VATICAN. **Audiência de 25 de junho de 2008: São Máximo, o Confessor** <[https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/audiences/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20080625.html](https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080625.html)> Acesso em 15 de out. de 2021.
- \_\_\_\_\_. **Mensagem do Papa João Paulo II no 750º aniversário da morte de Santa Clara de Assis**. <https://www.vatican.va/content/john->

[paulii/pt/speeches/2003/august/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20030811\\_santa-chiara.html](http://paulii/pt/speeches/2003/august/documents/hf_jp-ii_spe_20030811_santa-chiara.html) Acesso em 15 de out. de 2021.